

Os ensinamentos de Lênin sobre a questão do Imperialismo

Luiz Marcos Gomes

[...]

Lênin escreveu sua obra sobre o imperialismo no decorrer da Primeira Guerra Mundial, em meio das profundas cisões dentro da Segunda Internacional e de uma grave crise vivida pelo movimento operário. Enfrentando, naquele momento, uma enorme onda ideológica da reação imperialista, juntamente com tendências reformistas de conciliação com a reação, ele procurou “compreender o problema econômico fundamental, o da essência econômica do imperialismo”, sem o que, dizia, “não será possível compreender a guerra e a política de nossos dias”. Ele mostrou que o fenômeno mais importante apresentado pelo capitalismo em fins do século XIX e início do século XX foi o surgimento e a consolidação dos monopólios. (...)

Há, no capitalismo atual, fenômeno mais importante do que os monopólios? Do que, em cada ramo da produção, em escala mundial, um punhado de grandes empresas impondo seu domínio? Esse domínio é exercido por mil formas – *pools*, cartéis, “acordos de cavalheiros”, consórcios, trustes – visando contornar a legislação, disfarçar o controle do mercado e auferir superlucros. Sendo o monopólio uma característica da essência mesma do imperialismo, Lênin mostra o caráter irreal e reacionário da crítica pequeno-burguesa do imperialismo, que sonha com um retorno à “livre”, “pacífica” e “honrada” concorrência. A compreensão do imperialismo há que ter em conta a nova função desempenhada pelos bancos. Lênin mostra como o fenômeno da monopolização atingiu esse setor: de um papel inicial de simples intermediários nos pagamentos, os bancos se transformaram em gigantescos monopólios, e passaram a exercer o controle sobre o conjunto da atividade econômica.

Há fenômeno mais atual no capitalismo do que o papel cada vez mais onipresente dos bancos e o domínio exercido pela oligarquia financeira sobre o conjunto da sociedade? Lênin aponta o significado concreto da supremacia das oligarquias financeiras no âmbito internacional e nacional (...). Citando dados relativos a todo o tipo de “emissões de títulos”, Lênin mostra que, por volta de 1910, apenas quatro países – Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanha – respondiam por 80% do capital financeiro mundial. E dizia: “Quase todo o resto do mundo é, de uma forma ou de outra, devedor e contribuinte destes países, que são os quatro pilares do capital financeiro mundial, verdadeiros banqueiros internacionais”.

* Trechos selecionados de *Sociedade dos Socialistas Vivos (Ensaio contra o neoliberalismo)*. Ed. Anita Garibaldi, 1995 – pp. 103-116. O artigo foi publicado originalmente na Revista *Princípios* n° 25, mai-jun-jul/1992, sob o título: O imperialismo, fase superior do capitalismo, pp. 46-53.

Atualmente, a situação pouco se modificou: se trocarmos ligeiramente a ordem dos países citados e incluirmos o Japão na lista, poderíamos repetir que “quase todo o resto do mundo é, de uma forma ou de outra, devedor e contribuinte destes países”...

O predomínio e a hegemonia do capital financeiro, na época do imperialismo, manifesta-se através de outro fenômeno crucial: a exportação de capitais. Lênin apontou como, em alguns países capitalistas muito ricos, formou-se um enorme “excedente de capitais”, não porque esses países tivessem atingido um desenvolvimento total e harmônico, ou que tivessem possibilitado uma enorme elevação do nível de vida de seus povos. Esse “excedente” é entendido segundo as leis da acumulação capitalista, ou seja, “enquanto o capitalismo continuar a ser o que é, o excedente de capital será utilizado não para elevar o nível de vida das massas de um país determinado, já que isso significaria diminuir os lucros dos capitalistas, mas para aumentar esses lucros mediante a exportação de capitais para o estrangeiro, para os países atrasados”. E agrega: “Nesses países, o lucro é geralmente elevado, pois os capitais são escassos, o preço da terra é relativamente baixo, os salários também são baixos e as matérias-primas baratas. O que tornou possível a exportação de capitais foi o fato de uma série de países atrasados terem sido incorporados ao mercado capitalista mundial: nesses países construíram-se ou estão em fase de construção grandes ferrovias, e se criaram as condições mínimas para um desenvolvimento industrial etc. A necessidade de exportação de capitais resulta da ‘maturidade excessiva’ do capitalismo em alguns poucos países, onde o capital (em virtude do atraso da agricultura e da miséria das massas) não encontra terreno para inversões ‘lucrativas’.”

Estudando os mais diversos tipos de “exportação de capitais”, Lênin diz mais, em seu pequeno livro, publicado em 1917, a respeito de como a oligarquia financeira explora os países atrasados, do que uma enxurrada de autores disseram mais tarde em muitos tratados. Ele se refere, inclusive, a uma modalidade de empréstimo muito usada ao longo deste século, o atualmente chamado “crédito do fornecedor” (em inglês *supplier's credit*), mediante o qual um empréstimo é concedido a um país para que este compre produtos do país credor. Dessa forma, o capital financeiro faz várias operações simultâneas: ganha nos juros cobrados pelo empréstimo e ganha nos lucros obtidos na venda de produtos e equipamentos. Por isso, Lênin, ao destacar a importância da exportação de capitais, não desconhece, absolutamente, o problema da exportação de mercadorias pelos países imperialistas. Ele diz que “a exportação de capitais torna-se um meio de fomentar a exportação de mercadorias”.

Analisando a ação do capital financeiro até suas últimas conseqüências, Lênin mostrou como ele conduziu à partilha efetiva e real do mundo. Primeiro, os grupos monopolistas – cartéis, consórcios, trustes – partilharam entre si os mercados internos de seus respectivos países. Porém, no capitalismo, esses mercados ligam-se naturalmente aos mercados externos, surgindo o mercado mundial. (...)

No princípio do século XX, o mundo estava inteiramente dividido entre as potências imperialistas. Lênin salientou o fato fundamental de que não havia mais “territórios sem dono”, e que uma nova partilha do mundo somente seria possível por uma redistribuição do que já estava dividido. Essa disputa permanente em torno da partilha do mundo pelos diversos setores do capital financeiro é que está na raiz dos conflitos mundiais e regionais. E não se deve desprezar o alcance do poderio do capital financeiro. Para Lênin, “o capital financeiro é um fator, por assim dizer, tão poderoso, tão decisivo, em todas as relações econômicas e internacionais, que é capaz de subordinar, e subordina efetivamente, até mesmo Estados que gozam de uma completa independência política”.

(...)

O mundo passou por grandes transformações no século XX, mas chegamos ao final do século com a presença cada vez mais sufocante dos monopólios e da oligarquia financeira, em escala planetária. A primeira etapa da experiência da construção do socialismo nasceu com a vitória da Revolução de Outubro na Rússia, em 1917, e, em seguida, a partir sobretudo dos anos 50, essa etapa entrou em crise, e agora parece encerrada. Os motivos que provocaram esse fenômeno são variados e complexos, mas não há dúvida de que um dos aspectos que ajudaram a desagregar o campo socialista foi a ilusão disseminada sobre a questão do imperialismo. Sucessivamente, Krushev, Brejnev e Gorbachev procuraram “enriquecer” a teoria de Lênin, apagando seus traços essenciais. Em 1960, Krushev disse: “As posições de Lênin sobre o imperialismo foram elaboradas e desenvolvidas por ele há dezenas de anos, em uma época em que não existiam muitos dos fenômenos que hoje jogam um papel decisivo no desenvolvimento do processo histórico do conjunto da situação internacional”. Uma das maiores ilusões de Krushev foi acreditar que a existência do campo socialista havia modificado o caráter do imperialismo, e que uma nova era de paz e de cooperação pacífica entre os dois sistemas – capitalista e socialista – seria possível. O interessante é que exatamente um dos motivos que levaram Lênin a estudar em profundidade o problema do imperialismo foi o surgimento de tendências oportunistas no movimento operário internacional, particularmente as representadas por Kautsky, a quem Lênin acusou de abandonar as posições marxistas e de sucumbir à ideologia capitalista. (...)

Em sua polêmica com Kautsky, Lênin insiste na tese de que o imperialismo acirra as contradições entre as próprias potências capitalistas, em virtude mesmo de sua lei de desenvolvimento desigual. A nação hegemônica de hoje não será a mesma de amanhã, quando uma nova potência econômica buscará compensações políticas para sustentar seu poderio. (...)

Finalmente, há ainda que se destacar um aspecto não menos importante do imperialismo, ou seja, o que Lênin denominou de “parasitismo”. Sendo o monopólio a principal base econômica do imperialismo, este “gera inevitavelmente uma tendência para a estagnação e a decomposição”. Além disso, o predomínio do aspecto puramente financeiro, “rentista”, do imperialismo, reforça essa tendência. Como disse Lênin, “o mundo encontra-se dividido entre um punhado de Estados-usurários e uma minoria de Estados-devedores”. (...) os Estados usurários, atualmente, são os integrantes do chamado “Grupo dos Sete”, com os Estados Unidos à frente, ou o que também se denomina de “Clube de Paris”, que não é nada mais do que o “clube dos credores”. Por outro lado, os Estados-devedores são representados pelo resto do mundo, que hoje tem uma dívida para com os países imperialistas de mais de 1 trilhão de dólares!

Lugar de destaque nesse “grupo dos devedores” é ocupado pelos países da América Latina, região que foi e continua sendo a mais tradicional “zona de influência” do imperialismo norte-americano, e que hoje acumula uma dívida externa de cerca de US\$ 400 bilhões. (...)

(...)

Como ficam, porém, as contradições interimperialistas, dentro da atual situação mundial? É uma situação complexa, balizada por uma intensificação do processo de centralização das finanças internacionais. Com o vazio provocado pelo esfacelamento da União Soviética, com o domínio quase absoluto exercido por uma única superpotência – os Estados Unidos –, com a globalização e a unificação dos mercados mundiais avidamente disputados por “novas” potências como o Japão e a Alemanha, o imperialismo parece estar vivendo no melhor dos mundos. Nada de relevante parece contestar a realidade desse “mundo

global” dominado cada vez mais por um pequeno grupo de monopólios e inteiramente comandado por uma oligarquia financeira centralizada, que decide sobre os fluxos de capitais, afetando a vida de bilhões de pessoas e de centenas de países.

“Não existem fronteiras no supermercado (mundial)”, proclama Keniche Ohmae, um dos ideólogos dessa nova ordem, sócio de uma das maiores firmas de consultoria do mundo, a McKinsey & Company. Mas de que mercado ele fala? Ele se refere ao que chama de “mercado tríade”, ou seja, a cerca de 700 milhões de pessoas – a somatória das populações do Japão, dos Estados Unidos e da Europa Ocidental – que, segundo ele, “compõem um mercado único com anseios comuns”. (...)

Notemos que o que toda essa cantilena sobre “globalização” esconde é o domínio absoluto da oligarquia financeira e dos modernos “consórcios, em defesa de interesses privados que ultrapassam trilhões de dólares. E, nesse contexto, confirmando os ensinamentos de Lênin, poucas são as nações que contam, se tomadas isoladamente. (...)

(...)

Não pretendemos tirar nenhuma conclusão apressada da presente situação mundial, e nem esse é o objetivo deste artigo. Seria bom, no entanto, lembrar que Lênin soube extrair lições do desenvolvimento imperialista durante a Primeira Guerra Mundial, percebendo a natureza do conflito e as oportunidades que se abriam para grandes transformações revolucionárias, de onde saiu a Revolução Socialista de Outubro.

Bibliografia

HAKISAHN, Singh Surgeet. Situação atual do mundo e a validade do marxismo. *Princípios* n° 33, mai-jun-jul/1994. São Pulo: Anita Garibaldi.

HINKLAMMERT, Franz J. *A dívida externa na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1989.

LÊNIN, V.I. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, 6. Ed. São Paulo: Global, 1991.

LÊNIN, I. *El Imperialismo, etapa superior del capitalismo*. 2. Ed. Buenos Aires: Editorial Anteo, 1972.

L'IMPERIALISME Aujourd'hui (traduit du chinois). Paris: Les Éditions du Centenaire, 1976.

OHMAE, Kenichi. *Além das fronteiras nacionais – as empresas no século XXI*. São Paulo: Arte Ciência, 1989.

O SOCIALISMO VIVE – documentos e resoluções do 8º Congresso do Partido Comunista do Brasil. São Paulo: Anita Garibaldi, 1992.

“**Nota** [do Autor]: A maior parte das citações de Lênin feitas neste artigo se referem à obra citada acima, *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, editada pela Global, a mais fácil de se obter no Brasil. Infelizmente, a edição e a tradução estão muito descuidadas e com vários erros. Por isso, o texto foi confrontado com o da edição em espanhol do Editorial Anteo”.

Nota da Coordenação: O texto completo inclui quadros com dados sobre: crescimento da dívida externa da América Latina (1950 a 1986); dívida externa/PIB na América Latina (1988); nacionalidade e valor dos ativos dos 50 maiores bancos do mundo (1990); os 10 maiores conglomerados financeiros do mundo (1995).

Alerta do Autor (04/07/00):

- na época em que escrevi o artigo e que pesquisei o problema da concentração do sistema financeiro em escala mundial havia uma hegemonia quase que absoluta dos bancos japoneses, situação que se reverteu sobretudo a partir de meados da década de 90 com a crise vivida pela economia japonesa (crise puxada fortemente pelo sistema financeiro do país) e também por um processo agudo de fusões de grandes corporações financeiras ocorrido nos Estados Unidos, revertendo uma posição de desvantagem dos bancos americanos em escala mundial (desvantagem demonstrada pelos dados citados no referido artigo); de sorte que, para se ter uma idéia mais real da situação presente, um novo levantamento teria de ser feito em relação à nova realidade do sistema financeiro mundial (onde, repita-se, o processo de fusões e incorporações se acelerou enormemente e a oligarquia financeira norte-americana melhorou sua posição relativa face às demais);

- um outro aspecto atualmente relevante que meu artigo não aborda é o que a imprensa da grande burguesia vem denominando de "nova economia", ou seja, o setor de alta tecnologia de eletrônica e informática que também passou por enorme dinamismo nos anos 90 com o crescimento e a disseminação da rede mundial de computadores – a Internet. Em cima dessa "nova economia" há hoje toda uma especulação no sentido de que o capitalismo - em particular a economia americana – teria encontrado uma espécie de "saída" para vencer a crise e se expandir indefinidamente, contrariando as teses do parasitismo e da estagnação. Isso também está a exigir, de nosso lado, novos levantamentos e pesquisas, para enfrentar a discussão e os novos desafios, do ponto de vista teórico e prático.